

NEM MORTO!

LEE CHILD

NEM MORTO!

Tradução de
VASCO TELES DE MENEZES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

*Para Darley Anderson,
meu agente há vinte anos,
com os meus agradecimentos.*

UM

Deslocar um tipo tão grande como Keever não era fácil. Equivalia a tentar arrancar um colchão de tamanho grande de cima de uma cama de água. Por isso, enterraram-no perto da casa. O que, assim como assim, fazia sentido. Ainda faltava um mês para a época das colheitas e uma irregularidade num campo ver-se-ia do ar. E, para um tipo como Keever, o ar iria estar em causa. Recorreriam a aviões de busca, a helicópteros e talvez até a drones.

Começaram à meia-noite, o que consideraram ser relativamente seguro. Estavam no meio de quase cinco mil hectares de nada e a única construção humana minimamente próxima era a linha férrea a leste, mas, à meia-noite, o comboio do final da tarde já tinha passado há cinco horas e ainda faltavam sete para o da manhã. Portanto, nada de olhares indiscretos. A retroescavadora deles tinha quatro holofotes instalados numa barra por cima da cabina, tal como os miúdos quitavam as carrinhas de caixa aberta, e, em conjunto, os quatro feixes formavam um amplo foco de luminosidade halogénica. Portanto, a visibilidade também não era um problema. Puseram-se a escavar o buraco na pocilga, o que, por si só, já constituía uma irregularidade permanente. Cada porco pesava noventa quilos e cada um tinha quatro patas. A terra estava sempre revolvida. Não havia nada que se visse do ar, nem com uma câmara térmica. A imagem deixaria imediatamente de ser visível, devido aos próprios animais fumegantes e aos montes e poças de dejetos igualmente fumegantes.

Relativamente seguro.

Os porcos eram animais que fossavam, por isso, certificaram-se de que o buraco era fundo. O que também não foi um problema.

O braço da retroescavadora era comprido e batia ritmicamente, escavando cinco metros à vez, em movimentos fluentes e articulados, com os aríetes hidráulicos a cintilarem sob a luz elétrica, o motor a ir ao limite, a rugir e a pausar, e a cabina a descer e a subir, enquanto cada balde era despejado. Depois de o buraco estar aberto, fizeram a máquina recuar e inverter a marcha, servindo-se do balde da frente para empurrar Keever para a cova, arrastando-o, fazendo-o rebolar e cobrindo-lhe o corpo de terra, até cair por fim lá dentro, com um baque surdo e envolto nas sombras elétricas.

Só correu mal uma coisa, que aconteceu nesse preciso instante.

O comboio do final da tarde chegou cinco horas atrasado. Na manhã seguinte, ouviram na estação AM que uma locomotiva avariada tinha provocado um congestionamento a cento e sessenta quilómetros para sul. Mas na altura não o sabiam. Tudo o que ouviram foi o apito pesaroso vindo da passagem de nível lá ao longe e, a seguir, não puderam fazer mais do que dar meia-volta e ficar a olhar para as longas carruagens iluminadas a passarem ruidosamente, em segundo plano, uma atrás da outra, como uma visão num sonho, aparentemente sem fim à vista. Mas o comboio lá acabou por desaparecer, com os carris a cantarolarem por mais um minuto e a luz traseira a ser depois engolida pela escuridão da meia-noite, e eles regressaram ao trabalho.

A pouco mais de trinta quilómetros para norte, o comboio começou a abrandar progressivamente até parar com um assobio, as portas abriram-se de repente e Jack Reacher pisou a rampa de betão diante de um silo de cereais do tamanho de um prédio de apartamentos. À esquerda, encontravam-se outros quatro silos, todos maiores do que o primeiro, e, à direita, um gigantesco barracão de metal que mais parecia um hangar para aviões. Havia luzes de vapor instaladas em postes, dispostos em intervalos regulares, que trespassavam a escuridão com cones de amarelo. O ar noturno estava carregado de neblina, como uma nota num calendário. O verão estava a chegar ao fim. E o outono vinha a caminho.

Reacher não se mexeu e, mais atrás, o comboio avançou sem ele, em esforço, insistindo até se fixar num ritmo vagaroso e martelado,

para em seguida acelerar, com a conseqüente e crescente corrente de ar a puxar-lhe a roupa. Era o único passageiro que tinha saído. O que não era surpreendente. Aquele sítio não era nenhum centro de tráfego intenso. Era completamente agrícola. O que fazia as vezes de serviços para passageiros encontrava-se entalado entre os silos e o barracão enorme e limitava-se a uma bilheteira e a bancos onde uma pessoa se podia sentar à espera. Estava construído num estilo ferroviário tradicional e parecia um brinquedo de criança, temporariamente pousado no meio de dois contentores de óleo reluzentes.

Mas, numa tabuleta que ia de um lado ao outro daquela construção, encontrava-se a razão que tinha levado Reacher lá: *Mother's Rest*¹. Que ele tinha visto num mapa e que pensara ser um nome fantástico para uma estação de caminhos de ferro. Calculou que a linha atravessasse um antigo caminho para caravanas, naquele preciso ponto, onde tinha acontecido alguma coisa há muito tempo. Talvez uma jovem grávida tivesse entrado em trabalho de parto. Os solavancos não podiam ter ajudado. Talvez a caravana tivesse parado umas semanas. Ou um mês. Talvez alguém se tivesse lembrado do sítio passado vários anos. Talvez um descendente. Uma lenda da família. Talvez houvesse um museu com uma só sala.

Ou talvez se aplicasse uma interpretação mais triste. Talvez tivessem enterrado ali uma mulher. Demasiado velha para aguentar. E, nesse caso, haveria uma lápide comemorativa.

Fosse qual fosse o caso, Reacher achou que mais valia ir descobrir. Não tinha sítio para onde ir e tinha todo o tempo do mundo para lá chegar, por isso, um desvio não lhe custava nada. E foi essa a razão para ter saído do comboio. E, de início, sentir-se desiludido. As suas expectativas tinham saído completamente goradas. Imaginara um par de casas empoeiradas e um cercado isolado com apenas um cavalo. Além do museu com uma só sala, talvez gerido a tempo parcial, numa ótica de voluntariado. Talvez por um velhote de uma das casas. Ou a lápide, talvez de mármore, dentro de uma vedação quadrada em ferro forjado.

¹ Descanso ou Repouso da Mãe. (*N. do T.*)

Não estava a contar com a gigantesca infraestrutura agrícola. Mas, pensando bem, devia ter contado. Cereais, aqui têm o caminho de ferro. Tinham de os carregar algures. Milhares de milhões de litros e milhões de toneladas, todos os anos. Deu um passo para a esquerda e espreitou por uma abertura entre as estruturas. Estava escuro, mas apercebeu-se de que havia mais ou menos um semicírculo de habitação. Casas, evidentemente, para os trabalhadores da estação. Conseguiu ver luzes, que esperou serem de um motel, de um restaurante ou de ambos.

Avançou para a saída, contornando os focos de luz a vapor puramente por uma questão de hábito, mas percebeu que não podia evitar o último candeeiro, por estar mesmo por cima do portão de saída. Portanto, poupou-se ao trabalho de mais um desvio e atravessou também o penúltimo foco.

E foi então que uma mulher surgiu das sombras.

Dirigiu-se a ele com uma notória explosão de energia, duas pasadas rápidas, ansiosa, como se estivesse contente por vê-lo. A linguagem corporal dela tinha tudo que ver com alívio.

Mas depois deixou de ter. E passou a comunicar desilusão. Parou abruptamente e exclamou:

— Oh.

Era asiática. Mas não era pequena. Talvez tivesse à volta de um metro e setenta e cinco ou mesmo setenta e oito. E uma constituição correspondente. Não havia um osso à vista. Não era nenhuma criatura frágil e graciosa. Devia ter uns quarenta anos, calculou Reacher, com cabelo preto e comprido, calças de ganga e uma *t-shirt* por baixo de um casaco curto de algodão. Trazia sapatos com atacadores.

— Boa noite, minha senhora — disse ele.

Ela estava a olhar para trás do ombro dele.

— Sou o único passageiro — disse Reacher.

Ela fitou-o.

E ele disse:

— Não saiu mais ninguém do comboio. Por isso, imagino que o seu amigo não venha.

— O meu amigo? — retorquiu ela.

Um sotaque neutro. Americano normal. Do género que se ouve em todo o lado.

— Porque havia uma pessoa de estar aqui, se não fosse para esperar pelo comboio? De outro modo, não valia a pena vir. Calculo que, por norma, não haja nada para ver à meia-noite — comentou ele.

Ela não respondeu.

— Não me diga que já está aqui à espera desde as sete da tarde — disse ele.

— Não sabia que o comboio estava atrasado — retorquiu ela. — Aqui não há sinal de telemóvel. Nem ninguém do caminho de ferro para explicar seja o que for. E suponho que hoje o Pony Express esteja de baixa.

— Não vinha na minha carruagem. Nem nas duas seguintes.

— Quem é que não vinha?

— O seu amigo.

— Não sabe como é que ele é.

— É um tipo grande — respondeu Reacher. — Foi por isso que apareceu quando me viu. Achou que eu era ele. Pelo menos, por um segundo. E não havia tipos grandes na minha carruagem. Nem nas duas seguintes.

— E a que horas passa o próximo comboio?

— Às sete da manhã.

— Quem é você e que veio cá fazer? — perguntou ela.

— Sou só um tipo que está de passagem.

— O comboio é que estava de passagem. Mas você, não. Saiu.

— Sabe alguma coisa deste sítio?

— Nadinha de nada.

— Viu algum museu ou lápide?

— Que veio cá fazer?

— Quem está a perguntar?

Ela deteve-se por um instante e, a seguir, respondeu:

— Ninguém.

— Há algum motel cá na terra? — perguntou Reacher.

— Estou lá hospedada.

— E que tal?

— É um motel.

— Para mim, chega — respondeu Reacher. — E tem quartos vagos?

— Ficaria espantada se não tivesse.

— *Okay*, pode indicar-me o caminho. Não fique a noite toda aqui à espera. Eu levanto-me mal o Sol nascer. E bato-lhe à porta quando me for embora. Se tudo correr bem, o seu amigo estará cá de manhã.

A mulher ficou calada. Limitou-se a olhar mais uma vez para os carris silenciosos e, a seguir, deu meia-volta e foi a primeira a atravessar o portão de saída.

DOIS

O motel era maior do que Reacher esperara. Era uma estrutura em forma de ferradura, com dois andares, trinta quartos no total e um parque de estacionamento bastante espaçoso. Mas havia poucos lugares ocupados. O sítio parecia estar com a lotação a menos de metade. Era uma construção simples, em madeira estucada, pintada de bege, com escadas e corrimãos de ferro, pintados de castanho. Nada de especial. Mas tinha um aspeto limpo e bem conservado. As lâmpadas funcionavam todas. Não era o pior sítio que Reacher já tinha visto.

A receção ficava na primeira porta à esquerda, no rés do chão. Estava um funcionário sentado à secretária. Era um velhote pequeno, com uma barriga grande e o que parecia ser um olho de vidro. Entregou à mulher a chave do quarto 214 e ela foi-se embora sem mais uma palavra. Reacher perguntou qual era o preço e o tipo respondeu:

— Sessenta dólares.

— Por semana? — retorquiu Reacher.

— Por noite.

— Não nasci ontem.

— E que quer dizer com isso?

— Já estive em muitos motéis.

— E então?

— Não vejo aqui nada que valha sessenta dólares. Vinte, talvez.

— Vinte é impossível. Esses quartos são caros.

— Quais quartos?

— No andar de cima.

— Não tenho problemas em ficar no de baixo.

— Não precisa de ficar perto dela?

— Dela quem?

— Da sua amiga.

— Não — respondeu Reacher. — Não preciso de ficar perto dela.

— Quarenta dólares, cá em baixo.

— Vinte. Têm menos de metade da lotação ocupada. Estão praticamente falidos. É melhor fazerem vinte dólares do que coisa nenhuma.

— Trinta.

— Vinte.

— Vinte e cinco.

— Combinado — atirou Reacher.

Tirou o maço de notas do bolso e pôs de parte uma de dez, duas de cinco e cinco de um. Pousou-as no balcão e o zarolho trocou-as por uma chave com um suporte de madeira e o número 106, tirada de uma gaveta, com um floreado de vitória.

— No canto dos fundos — disse o tipo. — Perto das escadas.

Que eram de metal e que faziam um barulho estridente quando as pessoas as subissem e descessem. Não era o melhor quarto daquele sítio. Uma vingança mesquinha. Mas Reacher não se importou. Calculou que seria o último a deitar-se nessa noite. Não previa que houvesse mais chegadas tardias. Contava não ser incomodado, até ao fim da noite naquela planície silenciosa.

Disse «Obrigado» e foi-se embora, com a chave na mão.

O zarolho aguardou trinta segundos, depois marcou um número no telefone da secretária e, ao atenderem, disse:

— Ela foi ter com um tipo ao comboio. Que veio atrasado. Esperou cinco horas até que chegasse. Trouxe o tipo para aqui e ele pagou um quarto.

Ouviu-se o estalido plástico de uma pergunta e o funcionário zarolho respondeu:

— Outro tipo grande. Um sacana dum filho da puta. Lixou-me a cabeça com o preço do quarto. Dei-lhe o 106, no canto dos fundos.

Outra pergunta crepitante e outra resposta:

— Daqui, não. Estou na receção.

Mais um estalido, mas, desta vez, num tom e numa cadência diferentes. Uma ordem e não uma pergunta.

O zarolho disse:

— *Okay.*

E pousou o telefone, levantando-se a custo para sair da receção, pegando na espreguiçadeira à porta do quarto 102, que estava vago, e arrastando-a para um ponto do asfalto onde pudesse ver a própria porta e a do 106. A pergunta tinha sido *Consegues ver o quarto dele daí?*, e a ordem fora *Mexe o cu e vai para um sítio onde o possas vigiar a noite toda*, sendo que o zarolho obedecia sempre às ordens, ainda que por vezes com um pouco de relutância, como aconteceu nessa altura, ao ajustar o ângulo da espreguiçadeira e deixar-se cair no plástico desconfortável. Lá fora, no ar da noite. Não era assim que preferia fazer as coisas.

No quarto, Reacher ouviu a espreguiçadeira a arrastar pelo alcatrão, mas não prestou atenção. Era apenas um som noturno aleatório, nada de perigoso, não era uma bala a entrar no carregador de uma caçadeira nem o sibilar de uma faca numa baina, nada que lhe pudesse preocupar os lobos cerebrais. E as únicas possibilidades fora disso eram uns sapatos com atacadores a percorrerem o passeio lá fora e alguém a bater à porta, já que a mulher da estação parecia ser uma pessoa cheia de perguntas e, pelos vistos, contava que lhas respondessem. *Quem é você e que veio cá fazer?*

Mas era algo a arrastar, não eram passos nem alguém a bater à porta e, por isso, Reacher não prestou atenção. Dobrou as calças, estendeu-as debaixo do colchão e, a seguir, tomou um duche para se livrar da sujidade do dia e enfiou-se na cama. Acertou o despertador mental para as seis da manhã, espreguiçou-se uma vez, bocejou outra e adormeceu.

O dia nasceu só com tons dourados, sem uma réstia de cor-de-rosa ou púrpura. O céu era de um azul descolorido, como uma camisa velha lavada mil vezes. Reacher tomou outro duche, vestiu-se e

saiu do quarto. Lá fora, viu a espreguiçadeira, vazia e estranhamente posta na faixa de trânsito, mas não pensou duas vezes nisso. Subiu as escadas de metal com o mínimo barulho possível, reduzindo a provável estridência a uma vibração mais surda, ao pousar os pés com muito cuidado. Deu com o 214 e bateu à porta, com firmeza mas discrição, como imaginava que um pacote faria num bom hotel. *O seu despertar, minha senhora.* Ela tinha cerca de quarenta minutos. Dez para se levantar, dez para tomar banho e outros para voltar à estação. Chegaria bem a tempo do comboio da manhã.

Reacher desceu as escadas sorrateiramente e dirigiu-se para a rua, que já era suficientemente larga para ser considerada uma praça. Para camiões agrícolas, imaginou, pesados e desajeitados, a virarem e a fazerem manobras, enfileirando-se diante das básculas, dos serviços de receção e dos próprios silos. Havia carris fixados no alcatrão. Era uma coisa em grande. Uma espécie de centro de atividade, presumivelmente, que servia a localidade, que, naquela parte da América, poderia corresponder a um raio de bem mais de trezentos quilómetros. O que explicava o motel grande. Os agricultores chegariam de vários pontos e passariam ali a noite antes ou depois de uma viagem de comboio para uma qualquer cidade distante. E talvez viessem todos ao mesmo tempo, em determinadas alturas do ano. Talvez quando se iniciasse a venda de bens futuros, na longínqua Chicago. E daí os trinta quartos.

A rua larga, praça ou lá o que fosse atravessava a terra basicamente de sul a norte, com o caminho de ferro e a infraestrutura reluzente a definirem o limite a leste, à direita, e o que correspondia a uma espécie de rua principal a definir o limite a oeste, à esquerda. Estava lá o motel, um restaurante e um armazém. Por trás desses estabelecimentos, a povoação espalhava-se num vago semicírculo para oeste. Baixa densidade. Expansão, ao estilo rural. Mil pessoas, talvez menos.

Reacher seguiu para norte, na rua larga, à procura do caminho para as caravanas. Calculou que este acabaria por se cruzar com ele, de leste para oeste, o que tinha sido o objetivo fundamental das caravanas. *Vai para oeste, jovem.* Tempos emocionantes. Viu uma passagem de nível a cinquenta metros de distância, depois do último silo. Uma estrada,

perpendicular, precisamente de leste para oeste. À direita, o sol matinal iluminava-a, e, à esquerda, as sombras cobriam-na.

A passagem de nível não tinha barreiras. Só sinais vermelhos. Reacher ficou parado nos carris e olhou para trás, em direção a sul, de onde tinha vindo. Não havia mais passagens de nível, no mínimo, no quilómetro e meio seguinte, que era até onde conseguia ver aproximadamente, sob a luz pálida. E também não havia mais passagens de nível, no mínimo, no quilómetro e meio seguinte para norte. O que queria dizer que, se Mother's Rest reivindicasse a sua própria via de passagem de leste para oeste, ele estava parado nela.

Era razoavelmente larga e com ligeiras lombas, feita com terra retirada de valetas pouco fundas escavadas de ambos os lados. Tinha-lhe sido aplicada uma camada de alcatrão, acinzentado com o passar dos anos, esburacado aqui e acolá devido ao tempo e com bodas aleatórias como lava congelada. Era em linha reta, de um horizonte ao outro.

Uma possibilidade. As caravanas seguiam sempre em linha reta quando podiam. E porque não? Ninguém fazia mais quilómetros só pelo gozo. O condutor principal orientar-se-ia por um marco distante, os restantes segui-lo-iam, um ano mais tarde, uma nova caravana encontrava os sulcos deixados pelas rodas e, passado outro ano, alguém assinalaria isso num mapa. E outros cem anos depois, um departamento rodoviário estadual apareceria com camiões cheios de asfalto.

Não havia nada para ver a leste. Nenhum museu com uma só sala nem lápide. Apenas a estrada, por entre campos infinitos de trigo praticamente maduro. Mas, no sentido contrário, para oeste dos carris, a estrada atravessava a terrinha, mais ou menos a meio, com as construções a prolongarem-se, de ambos os lados, por cerca de seis quarteirões de edificios baixos. O terreno do canto direito tinha-se expandido para norte, à volta de cem metros. Como um campo de futebol americano. Tratava-se de um concessionário de equipamento agrícola. Tratores esquisitos e máquinas enormes, tudo novo e reluzente. À esquerda, ficava uma loja de material veterinário, num pequeno edificio que devia ter começado por ser um simples prédio de habitação.

Reacher virou e avançou pelo antigo caminho, atravessando a povoação em direção a oeste, com o sol da manhã a aquecer-lhe tenuemente as costas.

Na recepção do hotel, o funcionário zarolho marcou o número no telefone e, ao atenderem, disse:

— Ela foi outra vez para a estação. Agora também foi esperar o comboio da manhã. Quantos tipos é que esta gente vai enviar?

Teve como resposta um longo e plástico estalido, que não era uma pergunta, mas também não era uma ordem. Possuía um tom mais suave. Talvez para encorajar. Ou tranquilizar. O zarolho disse «*Okay*, claro» e desligou.

Reacher percorreu seis quarteirões e depois voltou para trás, vendo uma série de coisas. Viu casas que continuavam habitadas e casas convertidas em lojas, de comerciantes de sementes, vendedores de fertilizantes e um veterinário para animais grandes. Viu um escritório de advogados com uma só sala. Viu uma bomba de gasolina um quarteirão para norte, um salão de bilhar, um estabelecimento que vendia cerveja e gelo e outro que só vendia botas e aventais de borracha. Viu uma lavandaria, uma loja de pneus e um sítio onde se punham solas de bota.

Não viu nenhum museu nem monumento.

O que podia não querer dizer nada. Não iriam pôr nenhuma dessas coisas mesmo na berma da estrada. Provavelmente, a um quarteirão ou dois de distância, para dar um sentido de reverência e para não sofrerem danos.

Saiu do caminho para as caravanas e entrou numa rua secundária. A terrinha estava disposta numa quadrícula, embora tivesse crescido de forma semicircular. Havia terrenos mais apetecíveis do que outros. Como se os silos gigantescos possuíssem um sistema gravitacional próprio. As partes mais distantes não se encontravam desenvolvidas. Mais próximo do centro, os edifícios estavam colados uns aos outros. O quarteirão atrás do caminho tinha apartamentos com uma só divisão que talvez tivessem começado por ser celeiros ou garagens, e o que

pareciam ser barracas de mercado desmontáveis, para gente que tinha dedicado meio ou um hectare a fruta e legumes. Havia uma loja com Western Union, MoneyGram, faxes, fotocópias, FedEx, UPS e DHL. Ao lado, ficava o escritório de um contabilista diplomado, mas parecia abandonado.

Nenhum museu nem monumento.

Calcorreou os quarteirões, um a seguir ao outro, passando por cabanas baixas, por uma oficina de motores a diesel e por terrenos desocupados e cheios de erva daninha fina como cabelos. Foi dar à outra ponta da rua larga. Tinha feito meia terra. Nenhum museu nem monumento.

Viu o comboio da manhã chegar. Parecia incomodado e impaciente por ter de parar. Era impossível perceber se tinha saído alguém. Havia demasiadas infraestruturas no caminho.

Reacher estava com fome.

Atravessou a praça a direito, quase até ao ponto de onde tinha partido, passando pelo armazém e entrando no restaurante.

E foi nessa altura que o neto de doze anos do gerente do motel entrou rapidamente no armazém e se dirigiu ao telefone público instalado na parede, logo a seguir à porta. Enfiou as moedas, marcou um número e, ao atenderem, disse:

— Ele anda a vasculhar a terra. Nunca o perdi de vista. Anda a espreitar para todo o lado. E de quarteirão em quarteirão.

TRÊS

O pequeno restaurante era limpo e agradável, com uma decoração atraente, mas, acima de tudo, tratava-se de um sítio de trabalho, destinado a trocar calorias por dinheiro o mais depressa possível. Reacher sentou-se de costas numa mesa de dois lugares, no canto mais à direita, ficando com o restaurante inteiro à frente. Cerca de metade das mesas estava ocupada, maioritariamente por gente que parecia estar a carregar baterias antes de um longo dia de trabalho físico. Apareceu uma empregada, atarefada mas profissionalmente paciente, e Reacher pediu o pequeno-almoço da praxe, que consistia em panquecas, ovos e toucinho fumado, mas, antes de mais, café, em primeiro lugar e sempre.

A empregada informou-o de que o estabelecimento tinha uma política de chávena sem fundo.

Reacher recebeu a informação com prazer.

Já ia na segunda caneca quando a mulher da estação entrou, sozinha.

Parou por um segundo, como que incerta, e a seguir olhou em redor, viu-o e avançou na sua direcção. Enfiou-se na cadeira vazia à frente de Reacher. De perto e à luz do dia, tinha ainda melhor aspeto do que na noite anterior. Olhos vivos e escuros e um rosto que denotava uma certa determinação e inteligência. Mas também uma certa preocupação.

— Obrigado por ter batido à porta — disse ela.

— De nada — respondeu Reacher.

— O meu amigo também não veio no comboio da manhã — disse ela.

— E porque me está a dizer isso? — retorquiu ele.

— Porque sabe qualquer coisa.

— Sei?

— Por que outra razão sairia do comboio?

— Se calhar, vivo aqui.

— Não vive.

— Se calhar, sou agricultor.

— Não é.

— Até posso ser.

— Não me parece.

— E porque não?

— Não trazia nada quando saiu do comboio. O que não dá ideia nenhuma de que se tenha o mesmo pedaço de terra há várias gerações.

Reacher deteve-se por uns instantes e depois perguntou:

— Mas quem é você realmente?

— Não interessa quem eu sou. O que interessa é quem você é.

— Sou só um tipo que está de passagem.

— Vou precisar de mais do que isso.

— E eu vou precisar de saber quem está a perguntar.

A mulher não respondeu. A empregada apareceu, com o prato dele. Panquecas, ovos e toucinho fumado. Havia xarope na mesa. A mulher encheu-lhe outra vez a caneca. Reacher pegou nos talheres.

A mulher da estação pousou um cartão de visita em cima da mesa. Empurrou-o pela madeira pegajosa. Tinha um carimbo governamental. Azul e dourado.

Agência Federal de Investigação. Agente Especial Michelle Chang.

— É você? — perguntou Reacher.

— Sou — respondeu ela.

— Prazer em conhecê-la.

— Igualmente — retorquiu ela. — Espero eu.

— E porque me está o FBI a fazer perguntas?

— Reformada — disse ela.

— Quem?

— Eu. Já não sou agente do FBI. O cartão é antigo. Levei uns quantos quando me fui embora.

— E pode fazer-se isso?

— Provavelmente, não.

— Mas, mesmo assim, mostrou-mo.

— Para lhe chamar a atenção. E por uma questão de credibilidade. Agora sou investigadora privada. Mas não do género de tirar fotografias em motéis. Preciso que perceba isso.

— Porquê?

— Preciso de saber que veio cá fazer.

— Está a perder tempo. Seja qual for o seu problema, não passo de uma coincidência.

— Preciso de saber que está cá em trabalho. Podemos estar do mesmo lado. Podemos estar os dois a perder tempo.

— Não estou cá em trabalho. Nem estou do lado de ninguém. Estou só de passagem.

— Tem a certeza?

— A cem por cento.

— E porque havia eu de acreditar em si?

— Não me interessa se acredita ou não.

— Veja a coisa do meu ponto de vista.

— O que era você antes de entrar para o FBI? — perguntou Reacher.

— Era polícia no Connecticut. Polícia de giro — respondeu Chang.

— É bom saber. Porque eu fui polícia militar. Só por acaso. Portanto, somos agentes irmãos. Num certo sentido. Acredite neste cavaleiro. Sou uma coincidência.

— Que género de polícia militar?

— Do género do exército — respondeu Reacher.

— E que fazia?

— Na maior parte dos casos, o que me mandavam. Um pouco de tudo. Por norma, investigações criminais. Fraude, roubo, homicídio e traição. As coisas todas que as pessoas fazem, se as deixarem.

— E como se chama?

— Jack Reacher. Posto final de major. Nos últimos tempos, da 110 da Polícia Militar. Também perdi o emprego.

Chang assentiu com a cabeça uma vez, devagar, e pareceu descontrair. Mas não por completo. Perguntou, num tom mais suave:

— Tem a certeza de que não está cá em trabalho?

— Absoluta — respondeu Reacher.

— E que faz agora?

— Nada.

— E que quer isso dizer?

— Precisamente o que eu disse. Viajo. Ando de um lado para o outro. Vejo coisas. Vou para onde quero.

— Constantemente?

— Para mim, serve.

— E onde vive?

— Em lado nenhum. No mundo. Hoje, aqui mesmo.

— Não tem casa?

— Não vale a pena. Nunca estaria lá.

— E já tinha estado em Mother's Rest?

— Nunca.

— Mas então, se não está em trabalho, porquê agora?

— Ia a passar. Foi um capricho, por causa do nome.

Chang fez uma curta pausa e a seguir fez um sorriso, repentino e um bocadinho melancólico.

— Eu sei — disse. — Estou a ver o filme na cabeça. A última imagem é um grande plano de uma cruz inclinada e enterrada no chão, com duas tábuas pregadas e uma inscrição feita com um atizador em brasa de uma fogueira, e, por trás, a caravana vai-se afastando com um ruído metálico, até ficar minúscula ao longe. E depois vem o genérico final.

— Acha que uma velhota morreu aqui?

— Foi isso que supus.

— Interessante — afirmou Reacher.

— E o que supôs?

— Não tinha a certeza. Achei que uma mulher talvez tivesse parado para ter um bebé. Talvez tivesse descansado aqui um mês e seguido viagem. E talvez o filho se tivesse tornado senador ou qualquer coisa assim.

— Interessante — afirmou Chang.

Reacher espetou a gema e levou o garfo a pingar à boca, começando a comer o pequeno-almoço.

*

A uns nove metros de distância, o homem que estava ao balcão marcou um número no telefone de parede e disse:

— Ela voltou sozinha da estação, foi logo ter com o tipo de ontem à noite e agora estão em grande conversa, a maquinar e a conspirar, podes ter a certeza.